

Antologia de escritores Contemporâneos

Volume 05

Abril/2020
1ª Edição

Copyright © 2019 by autores. O conteúdo desta obra é de responsabilidade dos autores, proprietários do Direito Autoral.

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia dos autores e editora, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos do autor é crime estabelecido no Código Penal.

Organizadora: Dolores Flor

Foto de Capa: Boris Smokrovic.

Revisão: Ireneu Bruno Jaeger | Simone de Sousa Naedzold |

Antonio Cesar Gomes da Silva

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L632a

Leite, Dolores Flor da Cruz (Org.)

Antologia de escritores contemporâneos /
Dolores Flor da Cruz Leite (Org.). – 1. ed. – Sinop,
MT: Ações Literárias Editora, 2020.

104 p. ; 14x21cm.

Volume V

ISBN 978659901458-1

1. Literatura brasileira - poesia. 2. Versos. I.
Título.

CDU 82-1
CDD B869.91

Índices para catálogo sistemático

Literatura brasileira: poesia 82-1
Literatura brasileira: poesia B869.91

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 – SINOP - 78.551-350
FONE (66) 9 9643-5501
www.escriitorescontemporanos.com.br

SUMÁRIO

Ao Leitor	7
Antonio Cesar Gomes da Silva	9
Falando com nosso homenageado	11
A última escolha de um jovem morto	21
A luz da verdade	27
Isolado, esquecido.....	27
Procura-se a cor, desesperadamente.....	28
Meu sonho	28
A despedida das flores	29
A história dos erros	30
Soneto da amizade eterna	31
Meu verão preferido.....	32
Rumos da vida	33
Marlete Dacroce.....	37
Felicidade onde estará	37
Discernimento	39
Jacinaila Ferreira	41
Construção de sentimento	41
ICÓGNITA	42
Toni Coelho de Almeida.....	43
A fúria e a fome	43

Bernadete Crecêncio Laurindo.....	45
Vem	45
Em tempo	46
Rosane Gallert Bet	47
Saudade... ..	47
O que é a vida?.....	48
Marilene Souza Henning.....	49
A doçura do teu beijo.....	49
Meu xodó	50
Falar do teu amor.....	50
Maria Clara Flor	51
Infância	51
Dolores Flor	53
Alma entre resquícios	53
Análise	54
Andreia Mirian Laurindo Siqueira	55
Lida.....	55
Leni Zilioto.....	57
Liberdade.....	57
O meu Sistema	58
Júlio Cesar Marques de Aquino.....	59
Cardiovasculopatia	59
Amanda Lima	61

Sonho.....	61
Das coisas que eu sei.....	62
Josiane Brolo Rohden.....	63
Menina-poesia	63
Josivaldo Constantino dos Santos	65
A saudade.....	65
Meu coração é tão grande!	66
SÓ	68
Vilson Roque Bocca.....	69
Calvário	69
Pelos Caminhos da Poesia.....	70
Mafalda Moreno	71
O nome	71
Luan da Silva Moreno	73
Dos Versos	73
Nyll M. N. Louie-Alicê	75
Inxumação	75
Gabrielle Braz	77
Tua chegada.....	77
Camila Lazarotto.....	79
Sonhos	79
Resistentes,.....	80
Josiane Domeni Lima	81

Tristeza sem fim	81
Ambiguidades	82
Anna Figueira	83
Matrioska	83
Andreia Romfim Gobbi	85
Pecador errante	85
Kiara Baco Anhon.....	87
Leia-me e entenda-me	87
Valter Figueira	89
Deixe estar.....	89
Manoel Rodrigues Leite.....	91
Maria Seda	91
Simone de Sousa Naedzold	95
O encantador de borboletas V	95
Ireneu Bruno Jaeger	97
Anos 50	97

Ao Leitor

A Editora Ações Literárias apresenta sua quinta Antologia com a participação de vinte e nove **ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS**, a qual registra no painel literário os contextos do dia a dia, de poetas e poetisas de diversas regiões. Seus textos vêm falando de sentimentos como a saudade, o amor, as lembranças, seus sonhos e suas realidades, textos impregnados de vidas e amor. Temos também a homenagem ao escritor Antonio Cesar, que se destaca com seus belíssimos poemas. Na entrevista ele fala da sua trajetória literária, seus desafios com a escrita e o que o motivou a sua carreira como escritor. Ele conta suas experiências como professor, e suas expectativas de produções.

Este livro está maravilhoso.

Boa Leitura!

Dolores Flor
Editorial

NOSSA HISTÓRIA NOSSOS ESCRITORES



Antonio Cesar Gomes da Silva

Antonio Cesar nasceu em Dourados (MS) e concluiu o curso de **Letras** em 2009, pela Universidade do Estado de Mato Grosso, **UNEMAT**. É *mestrando* do PPG Letras/Unemat – Estudos Linguísticos e Literários, membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras, **ASCL** ocupando a **cadeira 34**, seu patrono é *Gabriel García Márquez*. É **professor** da rede municipal de Sinop. Escritor de contos, crônicas e poesias, já publicou e organizou livros. Adora ler, mas ama escrever.

OBRAS PUBLICADAS

Publicações:

- O dia de todas as coisas
- O melhor lugar do mundo
- O repouso das almas
- O Protocolo dos anciões
- O Sol mais quente

Organizou:

- Práticas pedagógicas
- Olhares e possibilidades na educação
- Reflexões do trabalho docente (dois volumes)
- Espaço da Educação (quatro volumes)
- Pétalas da vida (coletânea de contos e poemas)

Contato com autor:

❖ aces4r@gmail.com

Falando com nosso homenageado

Antonio Cesar Gomes da Silva

1 – AL: Como foi o seu primeiro contato com a literatura?

R: Antonio Cesar: A escola em que eu estudava quando estava no ensino fundamental, já naquela época, tinha biblioteca, e todo dia quando chegava, ia direto para lá. Tinha uma coleção que falava de assuntos variados, queria ler todos. Pena que os professores de Português nunca penderam por esta área da literatura, se não fosse a biblioteca (mistério uma biblioteca na escola pública naquela época), teria ficado totalmente órfão deste mundo na adolescência.

2 – AL: Fale-nos um pouco do seu trajeto literário e quando você começou a escrever.

R: Antonio Cesar: Eu escrevo desde que era adolescente, escrevi vários contos durante a graduação em Letras, mas nada realmente bom. Nos últimos anos comecei a escrever de forma mais intensa e então surgiram algumas publicações. Agora estou sempre escrevendo

alguma coisa, como dizia Plínio, o Velho; “*Nulla die sine línea*”.

3 – AL: Como é o seu processo de escrita? Uma vez que você compilou notas suficientes, é difícil começar? Como você se move da pesquisa para a escrita?

R: Antonio Cesar: Eu escrevo quando a vontade vem, mas antes eu fico pensando no que vou criar, fico montando em minha cabeça, inserindo uma parte nova quando algo surge e assim o texto vai se formando. Quando ele está pronto para explodir, eu vou direto para o computador, não importa a hora e escrevo até não conseguir mais respirar. É como um mergulho em que você tenta ficar o máximo de tempo possível embaixo d’água, e só emerge quando não dá mais.

4 – AL: Você é professor, como você harmoniza a sala de aula e seus textos literários?

R: Antonio Cesar: Os alunos precisam sentir a literatura pelo professor, senão eles se tornam mecânicos, só fazem por obrigação, e isto não é a intenção. O professor, antes de tudo precisa gostar de ler, gostar da literatura, e se produzir, melhor ainda, e se estudar a

literatura, isto é o clímax. Fazer os alunos gostarem de ler, porque a literatura os liberta é o mínimo que o professor deve fazer em sala de aula.

5 – AL: Qual o papel da literatura na formação da criança?

R: Antonio Cesar: A literatura tem as melhores ferramentas para a construção da cidadania desde que o leitor seja consciente do mundo, perceba as várias identidades da coletividade. Para isso, a criança deve se tornar leitora o quanto antes. Minha filha já é leitora desde os 8 meses de idade, um dos motivos que “acho”, ser ela tão inteligente.

6 – AL: Como escolher um título para indicar para a sala de aula?

R: Antonio Cesar: Escolher os livros literários é fundamental para estimular nos alunos o encanto pela leitura, assim não devemos esquecer a qualidade, a diversidade e a representatividade nas obras, além de considerar a idade das crianças, como também consultá-las sobre quais temas gostariam de ler, o que conquista a atenção deles. É importante equilibrar a lista com títulos clássicos e de escritores mais atuais,

mesclando estilos e culturas para que tenham uma visão abrangente.

7 – AL: Qual a melhor forma de ler para os alunos?

R: Antonio Cesar: Isso depende muito do momento, mas sempre leio de forma a chama-los para dentro do texto, fazer com que viagem na leitura enquanto ouvem e sintam vontade de expressar suas sensações.

8 – AL: Quantas vezes você revisa seus textos antes de sentir que eles estão prontos? Você mostra seus trabalhos para outras pessoas antes de publicá-los?

R: Antonio Cesar: Reviso toda vez que achar que há necessidade, mas ficamos viciados em nossos textos, por isso é importante sempre ter alguém para revê-los antes da publicação. E ainda assim, sempre fica alguma coisa.

9 – AL: Quais escritores influenciaram o seu processo de criação literária, desde o início?

R: Antonio Cesar: Há escritores que nos identificamos de tal maneira que às vezes gostaria que o texto deles fosse meu (risos), mas isso é bom, pois faz a gente querer

aprofundar mais em nossa escrita. Gosto muito de Gabriel García Márquez, Fiódor Dostoiévski, Ernest Hemingway, Jostein Gaarder, do Brasil, Cecília Meireles, Mario Quintana, Graciliano Ramos. Se eu for listar aqui, vou ocupar mais de uma página, mas estes são alguns dos principais.

10 – AL: Quais são os seus próximos projetos literários?

R: Antonio Cesar: Estou planejando um livro juvenil de mitologia, além de um livro de contos com a temática do negro. Mas neste momento estou com 70% de um romance, sobre uma mulher negra que resiste à marginalização e a Morte durante a segunda metade do século XX no Brasil.

11 – AL: Quais são seus escritores / livros favoritos?

R: Antonio Cesar: Meu livro número um é Cem anos de solidão de Gabriel García Márquez, este livro é perfeito. Gosto muito de Vidas secas de Graciliano Ramos, extremamente bem escrito. Tem também O mundo de Sofia do norueguês Jostein Gaarder, todo adolescente deveria ler, e quem já é adulto e não leu, deveria ler também. Tem

muita gente boa, é difícil de listar todos aqui, mas tenho de lembrar de dois escritores de Sinop que estão muito acima da média: Santiago Villela Marques e Ireneu Jaeger.

12 – AL: Qual obra sua que você gostaria de destacar?

R: Antonio Cesar: Até o momento o livro O sol mais quente, microcontos que falam de/e sobre Sinop, penso ser muito importante para mim, pois a partir dele, percebi que sou sinopense de fato, apesar de não ter nascido aqui. Neste livro, retrato fragmentos de Sinop onde quem mora aqui há um certo tempo, reconhece a cidade e a conhece mais a cada história.

13 – AL: O que você acha que mudou no seu processo de escrita ao longo dos anos? O que você diria a si mesmo se pudesse voltar à escrita de seus primeiros textos?

R: Antonio Cesar: A gente vai melhorando a cada ano, meus primeiros escritos são esquecíveis hoje, mas sem eles não teria melhorado, apesar de que ainda tenho muito, mas muito a melhorar. E eu diria a mim para

escrever mais, pois dá para salvar uns 2% e se tivesse escrito mais, talvez chegaria a uns 3%.

14 – AL: Qual dica você deixaria para escritores iniciantes, com base em suas próprias experiências?

R: Antonio Cesar: Escrevam, leiam, escrevam, leiam mais ainda. E se der, publiquem, podem me procurar que eu ajudo a publicar, nem que seja um exemplar. E principalmente, não desistam, tem muita gente boa por aí, não podemos perder estas possibilidades. Tem muito escritor bom em Sinop, no Norte de Mato Grosso, eu mesmo tenho minha meta de leitura de escritores de nossa região e muitos desses que são iniciantes devem persistir, quem ganha somos nós, leitores.

Textos do autor

A última escolha de um jovem morto

Chovia muito naquela noite no bairro da Esperança, nas ruas só os desesperados para chegar em casa após um dia de trabalho ou uma noite de teorias na faculdade. Logo chegaria a madrugada e o silêncio imperaria até o amanhecer a não ser um fato que estava prestes a ocorrer.

A polícia fazia a ronda, o policial Michael da Silva estava à procura de um rapaz que os tinha decepcionado uns dias atrás. Em meio àquelas casas todas iguais, algumas já estavam tomando forma própria, um grupo de rapazes se protegiam da chuva em uma área lateral. A esta hora deviam estar em casa, dormindo, sonhando em ir para a escola ou ao trabalho de manhã.

Mas chamaram a atenção da polícia que passou direto. Alívio, ou não. Pois voltaram imediatamente, e ameaçou de atirar no rapaz que estavam à procura foi o único que não desapareceu como a correnteza da água seguindo para a boca de lobo.

Num dia sem chuva, eles desceriam e o moço levaria uma surra de sentir dor por mais de uma semana. Hoje não. Hoje não querem se molhar, ao constatarem que o jovem estava vendendo drogas, ele sentiu que não ia ver a chuva passar. Nunca mais.

A algumas casas, ali perto, outro rapaz pensa na vida, Miguel sabe que precisa

trabalhar para ajudar em casa, e está feliz por ter conseguido um emprego num mercado, porém do outro lado da cidade. Precisa de uma bicicleta, pois o mercado não dava o transporte, mas não tem dinheiro, nem sua mãe. E atravessar oito quilômetros ida e volta, além da escola, seria muito cansativo, mesmo sendo jovem. Quando seus pensamentos estavam a toda velocidade, alguns estalos são ouvidos, parecia fogos de artifício, não era outra coisa, foram três, um bem perto do outro, talvez fossem tiros. Ele não sabia diferenciar, dormiu, sonhou com uma bicicleta que voava.

No outro dia, amanhecido com um frescor que só uma chuva torrencial poderia proporcionar, tudo estava calmo, era domingo, talvez fizesse sol. Ouvia lá fora muitas vozes, um choro de mulher, timbrava desesperador. Quando saíram para rua, estava cheio de gente rodeando a área lateral de uma casa vizinha. Miguel não gostava de amontoado de gente, mas precisava ver o que acontecia. Estava lá, no chão, caído como se estivesse jogado, um colega de infância que mesmo morando tão perto não se falavam fazia uns cinco anos. O sangue tinha sido levado pela chuva, algumas trouxinhas de droga ao lado do corpo que desapareceu quando ninguém estava prestando atenção. Miguel saiu dali espantado, era a coisa mais estranha, mais bizarra que já tinha visto, se perguntava como era possível seu colega estar morto. Ele ficou com aquele pensamento na cabeça mais de uma semana.

Ninguém tinha visto quem o matara, e ficou por isso mesmo. O choro da mãe do rapaz ainda ecoou por toda a tarde daquele domingo.

Dias depois, Miguel voltava do trabalho, a caminhada tinha sido longa, mas estava trabalhando, e prestes a chegar em casa, no ponto de ônibus uma rodinha de moleques fazia parecer que o rapaz morto outro dia nem existia mais, já o tinha esquecido. Quando Miguel passou por eles, foi chamado, quase todos ali eram seus conhecidos de infância, mas a vida os levou para outros caminhos. Um deles, que tinha estudado com Miguel por vários anos o elogiou como a pessoa mais inteligente que já tinha conhecido. Porém Miguel quase não falou nada, tinha receio de estar perto deles. Quando outro deles perguntou o porquê de estar voltando a pé do trabalho, ofereceu uma “oportunidade” que dava para comprar uma bicicleta das boas. Miguel se esquivou dizendo que ia pensar.

Em casa sua mãe dizia que precisava comprar uma geladeira nova, pois a usada tinha parado de funcionar naquela tarde, talvez por ser muito velha. Miguel sabia que não sobraria dinheiro de seu primeiro salário, não dava para ficar sem geladeira. Neste momento aceitar a proposta de seu antigo colega poderia ajudar. Seria uma vez só. E na primeira oportunidade mudariam para uma casa em outro bairro, longe da bestialidade que sempre o acompanhou. Pensou nisso até dormir.

Sonhou que desta vez a bicicleta voadora vinha até ele.

No outro dia, quando voltava de sua caminhada do trabalho, não tinha ninguém no ponto de ônibus, com exceção aquele colega da oferta generosa. Ele sabia do desespero de Miguel, sabia que ia aceitar. Era só ficar ali, no ponto de ônibus, algumas pessoas viriam até ele, trocariam alguns papéis, e perto da meia noite voltaria para acertarem. Naquele mesmo dia Miguel estaria com o dinheiro para comprar sua bicicleta.

Nem foi para casa, ficou ali mesmo. Vez ou outra, alguém se aproximava, deixava com Miguel algumas notas, e levava um envelopezinho. Em princípio, ele ia organizando nota sobre nota, rosto sobre rosto, mas à medida que a noite avançava, mais pessoas em menor tempo apareciam para fazer a troca, já não dava para ser organizado, e enfiava o dinheiro em sua bolsa de qualquer maneira. Se antes sabia exatamente quanto tinha, agora tinha perdido as contas. Em nenhum momento precisou dar troco, sempre passaram para ele o valor exato. Estava muito fácil e até divertido aquele "trabalho". Ganharia mais que no mercado, e melhor, estava perto de casa. Tudo estava muito calmo, as nuvens naquela noite clara começavam a se formar, ia chover a madrugada inteira. Nem cansaço ele sentia mais. Então decidiu, não vou mais sofrer, este será meu "emprego" definitivo a partir de hoje.

No mesmo instante deste pensamento a polícia passava e parou, perguntaram o nome dele, o que fazia ali naquele horário, policial Michael da Silva olhava de dentro do carro Miguel sentado no ponto de ônibus, pediu para o garoto se aproximar, percebeu que era um rapaz negro, jovem, com uniforme de trabalhador, mas Michael tinha um faro que nunca falhara, e pediu para entrar no carro. Disse que iam só conversar, Miguel ficou sem ação, pensou em um momento em deixar a mochila, mas chamaria atenção pelo gesto e não tinha como dizer não para a polícia. Entrou.

Seguiram pelas ruas do bairro, ninguém falava nada. Miguel olhava pela janela, parecia que todos já estavam dormindo, era tarde. Sua mãe devia estar muito preocupada por ainda não ter chegado em casa. Um relâmpago anunciava que a tempestade seria forte nesta madrugada. Ao chegarem na última rua, paparam, desceram e seguiram até uma praça onde Miguel várias vezes jogara bola com seus amigos. Ele se desesperou, a mochila ainda tinha alguns envelopes, tinha também muito dinheiro amassado. Ninguém viria para socorrê-lo, seu cabelo estava úmido pela leve chuva que caía, e o medo se apossou de todo o seu corpo. Um policial segurava um cassetete, enquanto o policial Michael da Silva revistada a mochila. Uma pergunta antes do espancamento que duraria quase vinte minutos ainda foi feita, por que um menino que

aparenta não ser bandido está sendo um bandido?

Miguel sentia dores no corpo todo, as cacetadas atingiram até mesmo sua mente, estava tão confuso quanto dolorido. Foi assim que com suas últimas forças antes do carro partir, ele correu em direção dos policiais, deu um soco no vidro na janela, e cambaleando caiu de costas no chão úmido. Suas lágrimas se misturavam com a chuva que agora caía mais forte, em casa, sua mãe o esperava olhando pela janela, o policial Michael da Silva, desceu e parou de pé perto dele, olhou em seus olhos e atirou. Miguel reconheceu naquele momento o mesmo barulho que ouvira naquela madrugada chuvosa de uns dias atrás.

A luz da verdade

Um pássaro triste
Acorda numa manhã branca,
Observa o sol engasgado
Entristecer com o dia.

Hoje, a tarde será pálida
Como o silêncio ancião,
Só a noite, imperatriz da escuridão
Mostrará sua face.

O sol encerrará o dia que não iniciou
E o pássaro cerrará seus olhos
Ainda triste
Mas no sonho, um sorriso brilha.

Isolado, esquecido

A porta de todas as coisas
Dormiu,
E perdido no meio da ponte
Olhei para baixo.

Vi um borrão do Nada
E um esboço do Escuro.
Nem a verdade, nem a mentira
Só a indecisão era certeza.

A única saída foi sonhar,
Mas Orfeu estava de férias.
Uma sensação vermelha sussurrou no meu ouvido;
— Se a porta não abrir mais,
Você encontrará a saída.

Procura-se a cor, desesperadamente

A cor silenciou

Apagou toda a sua sensação
Arrebetou as correntes da imaginação
E atrás dum monte, ela se fechou.

Gritei,
Tão alto quanto a Lua,

Ela olhou por entre a fresta, e desapareceu...
Para sempre.

Meu sonho

A voz sorri,
Não sei se é para mim,
Mas eu aceito como se fosse.

Eu me reteso para tocá-la,
Trazê-la para mim,
Mas não consigo alcançá-la.

Perfeita como uma ilha,
A voz chama meu nome,
E desaparece no outro segundo.

Tão fácil como encontrá-la no Pacífico
É domesticá-la
Num domingo.

A voz quer se juntar a mim
Mas para minha sorte, ou azar,
Ela é toda proibida.

A despedida das flores

As flores estão partindo,
Logo se esquecerão de mim.

Aproveito os últimos segundos
Com cada uma que ainda se prende
Ao som diurno.

As flores exalam amor em todas as pétalas,
Amor infinito,
Maior que a vida,
Mais forte que a morte.

Observo cada pétala
Cair antes que partam
Para sempre a outro mundo
Idêntico a este, mas
Sem a minha chama.

Eu sofro,
As flores sofrem,
E logo, cada um seguirá um caminho distinto
Caminho depois da encruzilhada
Logo a estação vai dormir
E o mundo esquecerá das flores.

De todas elas.
Menos eu.

A história dos erros

Ela bate em meu ser quando ouço os ruídos da vida,
Levanto o escudo da certeza que grita para ela;
— Sou a cor azul do céu, do mar, da descoberta.
Desta vez ela voa sem asas mais alto que a
imaginação,
Eu caio,
Despedaçado,
E minha cor azul se metamorfoseia de vermelho;
Sou sangue,
Sou a morte,
Sou o guerreiro em batalha.
Ela avança,
Eu avanço mais ainda,
Ela me corta,
E todos os pedaços de mim, fica.

Eu grito, eu mordo, eu sangro.
Ela resiste como uma estátua de bronze.
Há um empasse.
Eu sofro.

O silêncio corta a noite,
O escuro domina,
Mas uma leve linha de luz resiste no canto da vida.

Ela desaparece,
A vida fecha os olhos,

Todos dormem. Menos eu.

Soneto da amizade eterna

A minha vida é moldada em parte por amigos
E assim eu me tornei o que sou neste
instante,
Pois cada um deixou um pedaço dele comigo
Na minha mente sempre e certamente
constante.

Sem eles eu seria dissonante, irrelevante,
Uma vida fadada ao eterno e longo castigo
Onde não acho aquela essência que me
encante,
Por conseguinte, construindo meu jazigo.

Uma vez que se carecer, sempre me
acolherão,
Os meus amigos me importo a todo momento,
Deixarei tudo o que tenho em meu
testamento.

Eles não sabem da minha estima e
consideração,
A toda a hora meu sentimento de amizade,
Lhes sinto sempre e todo dia uma saudade.

Meu verão preferido

Meu verão preferido é aquele em que o dia é
tão claro
que tudo está iluminado.

Nada escapa da luz.

A areia da praia, quentinha de sol observa o
mar brincar com ela;
para lá e para cá.

O restaurante com paredes de vidro na beira
da estrada
é uma janela clara que chega a iluminar a
alma.

As nuvens no alto formam desenhos num
misto de alvura branca
com um cinza bem clarinho.

As músicas tocam num ritmo de festa
envolvendo sorrisos combinados com alegria.

Esse é o meu verão preferido,
gruda na memória como a melhor coisa da
vida,
iluminando tudo o que toca,
num contentamento eterno.

Rumos da vida

Adormeço aqui nesta noite densa,
Os sonhos vêm me fazer companhia
A mim o breu às vezes acorrenta
Pois a luz está sim, longe do dia
Deixa a existência toda sonolenta
Mas ao amanhecer tudo floria
Um brilho sutil, lúcido desperta
Assim a vida acorda e recomeça.

O tempo que nos resta
Para expressar a ti o meu grande apreço
Pouco e não manifesta
Obtuso a ti pareço
Portanto em mim apenas te enalteço

As sentenças honestas
A você, este breve arranjo ofereço
Embora que modestas
O meu coração emprestas
Toda esta admiração que reconheço

Repentino admoesta
A vida os rumos mudos desconheço
Mostra a mim indigesta
Via oculta que peço
Se foi assim, o melhor ente. Entristeço.

Escritores



Contemporâneos

Felicidade onde estará

Felicidade onde estará?

Se as pessoas tivessem discernimento

Parariam de procurar

Em lugares que jamais a encontrará...

Tem gente que procura em sua companheira

Ou seu companheiro

Criando expectativa traiçoeira

Quando não compartilhado

Nada disso é verdadeiro

Tem pais e mães que pela cultura familiar

Atribuem aos filhos

Uma responsabilidade linear

De seus sonhos frustrados

Um dia realizar

Tem gente que vive a procurar

Em objetos variados

A comprar compulsivamente

Algo que possa suprir

O seu ego carente

Tem gente que vive a buscar em pessoas

Uma muleta para se segurar
Sem perceber
Empurram seu semelhante
Para as correntezas do mar
Do qual poderá até se afogar
Felicidade é a essência do ser
Contrariando a maioria
Não está no ter nem em seu exterior
Mas sim dentro de você
Sendo necessário
Somente sentimentos bons se fortalecer
Basta acender a luz
Do ser capaz
Que seu coração inundará
De dentro pra fora
A todos motivará
E a alegria então contagiará
Não atribua responsabilidade tamanha
A este ou aquele ser
É sua responsabilidade
Escolher a vida que quer ter
De um eterno aprendiz
Acreditando no ser capaz
É possível ser feliz

Discernimento

Muitas pessoas pensam ser
Os donos do Universo
Só porque vestem roupas de grife
Assessórios
Celulares da última estação
Muitas vezes falta o necessário à mesa
Que é a alimentação
Pessoas incompletas cometem muitos erros
Seres frágeis carentes
Buscam status para se auto afirmar
Ostentando bebidas diferentes a mão
Para limites superar
E o poder então...
É um desejo forte impiedoso que aliena
Quem bebe de montão
Seres humanos seria diferente
Quando elencado pela ciência "racionalis"
A bebida a dependência
Agora dopados
Anestesiados
A mente degenerada

Regressão do ser imponente
Ao irracional "inconscientes"
Se pensar bem
O ser humano necessita de tão pouco
Para ser feliz
O problema é que leva um tempo enorme
Ou a vida toda para compreender isso
Ainda, sonho com um mundo diferente
De respeito, paz e união
Onde todos se tratassem como irmãos
Aquilo que não gostaria a si mesmo
Jamais fariam a outro cidadão

Construção de sentimento

Hoje pensei em colocar no papel
Um pouco do que está aqui dentro
"Tipo poesia, sabe"...
Lágrima misturada com sentimento
Dá pra fazer construção
Prédio de conhecimento

Pensei que seria possível
Definir amor de verdade
Dor de querer e nunca
Ter nem um pedacinho
De quem roubou sua idade

Pensei eu que era possível
Voltar lá na mocidade
Falar da vida simples
De quem não é da cidade

Da dor de cabeça e da luta
Que foi vencer sem poder
Porque poder de verdade
Só Deus quem pode prover

Cheguei até a achar
Que depois de noites em claro
Por aqueles que gerei
Um dia seria cuidado...

Que momento de bobeira
Pensar, sem nunca imaginar
Que nunca nessa vida linda
Um dia seria amado
Tijolinho por tijolinho
No fim, tudo desmoronado!

ICÓGNITA

Semelhante,
Porém diferente!
Explorar,
nunca se dar por contente.
Ferir
onde mais dói...
No sangue de sua artéria,
Doente!
Corruptos,
inconsequentes...
Crescem
com a dor do outro,
suor alheio,
Dementes!
Ao sentir esperança
Só nos resta tentar.
Responder e lutar,
PRESENTE!

Toni Coelho de Almeida

Sinop-MT

A fúria e a fome

Eu tentei resistir no início
Quando fiquei oco e sozinho
Adormecido sigo o meu caminho,
Mas o caminho desvia, me leva ao precipício
Entre ir e ficar, me confundo, quem decide, é
a taça de vinho.

Minha visão embaça
Olho para o fundo, jogo a taça,
Um passo a mais, acabo com esta desgraça.
O que é a vida, se não um emaranhado de
farsa.
Decido, não. A vida decide por mim, esta
longa trapaça.

Eu pulo, mas para o meu azar, me penduro
Preso neste precipício, perduro
Meu ser está agora impuro.
Nunca fui maduro
Meu fim será...

Obscuro.

Bernadete Crecêncio Laurindo

Sinop-MT

Vem

Vem,
o anoitecer
já não tarda!

Vem,
cansado de
tanta espera,
já desfalece o dia!

Vem,
já se faz noite
e a solidão se
prenuncia.

Oh! Vem,
não se faça
esmaecer a espera!

Vem,
que a espera
já se perde
da esperança!

Em tempo

A chuva
Chora
Lá fora
O frio
Aqui dentro
Emudece
Entristece
A alma
É hora
É tempo
De fim
Da espera
Vem
Aquecer-te
Em mim
Vem
Que é
O fim
Da espera
Não deixes
Que a chuva
Que chora
Lá fora,
Com a tua
Demora,
Chore
Também
Em meu
Coração

Rosane Gallert Bet
Sinop-MT

Saudade...

Avenida que guarda aqueles que se foram,

E ali para sempre ficarão.

Ao pó voltaram,

misturados aos sonhos,

Sonhados em vão.

Saudade...

Perdida entre flores de ipê,

Para outros caminhos se abre.

Num tapete rosê,

A vida refloresce,

É tudo que se sabe.

O que é a vida?

O que é a vida, senão...

Um lampejo...

Um momento...

Uma linha tênue e fugaz, que sorratamente se desfaz?

O que é a vida, senão...

Momentos...

Lembranças...

Emoções que se apropriam, e a razão expropriam?

O que é a vida, senão...

Um sentir....

Um contradizer-se...

De tempestade e calma, encontro de almas?

Marilene Souza Henning

Peixoto de Azevedo-MT

A doçura do teu beijo

A doçura do beijo teu
Está no teu abraçar
No jeito de receber os carinhos teus.
É sentir a força do amor
Brotar no teu sorriso
E num doce beijo
Sentir a delicadeza
Dos teus lábios junto aos meus
A doçura do teu beijo
É sentir a tua ternura, o calor
E me abrasar no teu amor
Amor do meu coração
Amor dos sonhos meus
Te abraçar, amar, beijar
É ter a certeza do teu amor
Me envolver, e selar a nossa relação
Num doce beijo, beijo de amor!

Meu xodó

Você é meu xodó
Amor de minha vida
Está contigo, é alegria
Que adoça o meu corpo
Me dá o sossego
Quando em teu colo
Me faço adormecer

Falar do teu amor

É falar do sentido da vida
Pois com teu jeito de ser
Às vezes rude, outras sensíveis
Mostra que com amor tudo se realiza
Até os desencontros se tornam mais fáceis
O caminho mais suave
A dor mais amena
A alegria mais constante
O teu abraço mais acolhedor.
Assim és tu, meu amor, meu xodó!

Infância

Na infância vamos aprendendo

Brincando e estudando.

Tenho aulas de,

Inglês,

Arte,

Música,

História,

Ciências,

Português e Matemática.

Na infância vivemos sonhos

Aventuras e emoções

Alegria, tristeza e medo.

Emoções que sentimos.

Uma das principais emoções que sentimos na infância são alegrias e amor.

Pelos amigos e pela família.

Dolores Flor

Sinop-MT

Alma entre resquícios

Certa de que estaria no caminho desejado,
Procurei as montanhas e colinas,
Verdes caminhos, longas estradas;
Saindo do campo, no vazio das matas,
Procurando abrigo em ninhos de pássaros.
Sob o som das cachoeiras, escrevi letras e melodias.
Com os potes cheios de esperança regando jardins,
alimentando o orvalho, passei longas noites.
Sonho acordado, escrevendo poesia solta,
Para coisas soltas.
Olhos sedentos,
Caídos por encantos, admiração.
Meu sonho acabou:
Não subi nas montanhas,
Não alcancei os vales, não sei se foi derrota,
Mas adormeci e acordei nos braços do destino,
No jogo da vida, no jogo do xadrez...
Alma entre resquícios...

Análise

De tudo que temos, podemos oferecer um pouco.
Mas, existe algo que não pode ser doado,
Vendido,
Somado,
Diminuído,
Muito menos emprestado.
O amor doado pode ser o que não
Lhe serve mais ou não fará
Falta a você...
Amor vendido é aquele que tem preço
E não há dinheiro que o possa pagar.
Somado! Não, também não pode ser somado.
Você já somou tantas coisas,
E o amor não é apenas cálculo matemático!
Diminuir, nem pensar.
Ser multiplicado?
Sim. O amor é construído com amor!
É mais que prazer,
É uma conquista,
Um dom que leva ao paraíso.
O amor é convívio, e partilhado,
É construído
Amor com amor.

Andreia Mirian Laurindo Siqueira

Maringá-PR

Lida

Com a amiga, aprendeu a limpar bem as
panelas.
Com a mãe, o valor de cada lágrima.
A forma como se expressava, herdou dos
livros.
Sentimentos bons, da superação.
Ruins, da incapacidade de aceitar.
Era assim, um mosaico de coisas.
De sorrisos ensaiados
E frases decoradas
Cópia original de tantos
Servia-se da graça das crianças
E da atitude dos jovens
Vampiro sem pudor,
Conhecendo por olhos alheios
E palavras decoradas
Amadureceu e
A caixa de pandora visitou.
Ansiava o amargo, o doce
Sincero ou falso
No importava
Experimentou o vigor de ver arranhada sua
imagem.
Defendendo segundo a segundo
Aquilo que acreditava
Na virada da noite.

Na novidade das paragens
Como Davi e Golias
Questionou sua alma:
Sou a companheira.
Que sussurra segredos
E aperta tua solitária mão.
Tenho o poder de trocar.
Essa intensidade, pela sorte
Sou tua lida, tua existência
O casulo onde esperastes por asas.
Por mais longe que você voe.
Não fugirás de mim
E nem da vida que ainda te resta

Leni Zilioto

Sinop-MT

Liberdade

Seja quem for
Seja sol ou lua
Seja nua
Seja meu bem querer
Seja meu amanhecer
Seja o que eu quiser ver
Seja assim bem você
Seja o que Deus quiser
Seja para o que der e vier
Seja meu olhar em você
Seja o que entre nós já deu
Seja para o que mais será
Enfim
Seja par comigo
Seja meu grande amor
Alma gêmea ou apenas amigo
Mas
Seja quem for
Seja sol ou lua
Seja (alma) nua

O meu Sistema

O que encaminhamos com amor,
flui para a felicidade
em saúde, paz e prosperidade.

Perdoar, agradecer e amar,
Para tudo liberar
e a sua vida brilhar.

Compreender as demoras e revelar os
"atrapalhos",
são atos de compaixão ao próximo,
que é nosso irmão.

Em comunidade, estender a mão e
comemorar,
no silêncio de cada um,
refletir e orar.

O Grande Criador
é a Vida, é a Energia Luminosa,
é o Amor!

Olhar o passado com reverência
e o presente com amorosidade
é o caminho seguro
para o equilíbrio do amanhã.

Passo a passo, palavra a palavra,
o encaminhamento é reação.

Recebo tudo o que semei;
[cedo ou tarde], nessa ou noutra geração.

Olhemo-nos.
Amemo-nos.
Sem categorias.
Somos todos,
Divinas energias.

Cardiovasculopatia

Foi a pressão que subiu?
Talvez
A glicemia também não baixou?
Vamos comprovar
É necessário um bom controle
Para o pior evitar

Grita Maria, contesta José
pelo braço que não mexe
pelo rim que parou de trabalhar
pelo peito que começa doer
por possível infarto chegar

Não se deve comer e beber
em grandes pratadas de rei
com carne saborosa desmanchando
em pedaços de gordura ao sabor
mostrando um colesterol que surge
em grandes garfadas ao prazer

O derrame pode chegar
O infarto com dor anunciar
Um grito da veia que entupiu ou rompeu
Aos anos do prazer

O AVC não é o suspeito

Até o infarto inocente

No corpo do sedentário frequente
Da ausência do esporte usar

Cegueira, também acontece
Pé diabético também vai chegar
São os vasos que sempre entopem
Na corrida do tempo senil

Cuidar com frequência da pressão
Evitar o ócio também
Comer com cuidado é uma dica
Para o desejo de vida aumentar

Neste embate diário da vida
Vale sempre a dicas e preocupação
Não se deve viver com abusos
Em troca de complicação

Aos médicos, dar-se aos médicos
O direito do cuidar
E leve a sério as grandes dicas
Para infarto e AVC evitar

*AVC= Acidente Vascular Cerebral

Sonho

Essa noite eu tive um sonho,
Maluca que sou, sonhei
Com um mundo tão estranho,
Nem sei se eu acordei,
Pois eu vejo um roteiro
Que está mais pra pesadelo,
Coisas de um lugar sem lei.
A violência presente
Chega a me assustar,
Tanta gente bem vestida
Mandando outro atirar,
Tantos tiros de fuzis,
Será que tem dois Brasis?
O nosso vai afundar.
Tantas armas, tantas mortes
Vejo na televisão,
Tem criança atirando
Outras caindo no chão,
Tem gente passando fome,
Tem gente que nem tem nome,
Tem gente sem coração.
Roubam os nossos direitos,
Tentam nos enfraquecer.
E eu sei que está doendo
Mas, não se deixe abater,
Eu sei que a dor é real,
Mas também é um sinal
Que algo novo vai nascer.

Pra acontecer esse parto,
Sonho com a educação,
Sonho de olhos abertos,
Com total convicção,
Ergo as mangas pra lutar,
No fim nós vamos gozar
De uma nova posição.

Das coisas que eu sei

Pra ser sincera eu não sei
Se eu entendo o amor,
Se entendo suas leis,
Nem entendo quem eu sou.
Sei da minha intensidade,
Não sei lidar com metade,
Com migalhas de favor.
Vejo flashes e curtidas
Pelas redes sociais,
Esquecendo o valor
Das coisas fundamentais,
Esses tais "seres humanos"
Que pra mim é um engano,
Eu prefiro os animais.

Josiane Brolo Rohden

Vilhena-RO

Menina-poesia

Brincava com a poesia,
Sonhava com as palavras.
Escrevia escondida,
Lia para que ninguém a visse.
Fazia descobertas incríveis!
- Mas quem haveria de achar incríveis?
Pensava a menina-poesia.
- Deveria estar brincando, dizia a mãe.
- Esta menina é esquisita! Cochichavam os vizinhos.
- Carrega livros e não bonecas!
- Olha! Lá vem a menina que não sabe brincar!
- O que tem de bonita, tem de esquisita!
Mal sabiam todos que ela tinha um lugar só dela...
Onde brincava com os passarinhos.
Falava com fadas e duendes.
Pega-pega com as borboletas era sua brincadeira favorita.
As cores adoravam correr atrás dela.
Um dia podia estar em uma imensa floresta,
Num outro, em um castelo de bruxas e princesas.
Com seus velhos livros viajava todos os dias.
Conhecia diversos países e reinos.

Às vezes sentia-se sozinha,
Então, logo pensava poesia.
E, assim escrevia...
As palavras sempre foram suas melhores
amigas!
Brincava contos, versos, poemas, fantasias.
Só tinha um temor – que descobrissem o seu
lugar, e então, sua autoria.
Um dia aprendeu com a vida que não tinha
jeito!
Não havia mais como esconder.
Havia nascido para admirar bem-te-vi,
Para ouvir as águas com conchas.
Para cantar em tons inventados.
Para perceber nas flores o olhar de Deus.
Havia nascido para Menina-Poesia.
Quis então, ser de verdade,
Uma menina-esquisita:
Metade menina,
Metade Poesia!

Josivaldo Constantino dos Santos

Sinop-MT

A saudade

A saudade é uma fornalha ardente
Que queima um coração apaixonado
Que traduz com um gesto tresloucado
A nostalgia da pessoa ausente.

É algo que se vive no presente
E na alma do pobre desgraçado
Que pra maior tristeza e desagrado
Sempre vive inquieto e descontente.

É chorar uma alma ressecada
É sorrir pra disfarçar a dor
Da ausência da pessoa amada

Como se pode ter tamanha dor
E viver uma vida desregrada
Por um simples, longínquo e grande amor?

Meu coração é tão grande!

Meu coração é tão grande!
Que não cabe um só amor
Ele ama em demasia
Mesmo assim vive na dor
Pois onde cabem amores
Só pode entrar um amor.

Meu coração é tão grande!
Mas se mostra sofredor
Pois querem apequená-lo
Aprisioná-lo na dor
Na dor de um amor único
Na sina de um só amor.

Aprendi que o “vero” amor
Se vive no singular
Meu coração é tão grande!
Não pode se apequenar
Quem inventou único amor
Não sabe o que é amar.

Ter um coração pequeno
Isso, não é natural
Meu coração é tão grande!
De grandeza universal
Amor não é singular
Amor é sempre plural.

Conheço os valores clássicos
Porém, sigo o meu valor
Meu coração é tão grande!
E afirmo com ardor
Quem nunca teve amores
Não sabe o que é amor.

Meu coração é tão grande!
E continua a crescer
Mas, quanto mais ele cresce
Só um amor pode ter
Isso eu não posso mudar
Mas no plural vou amar
Esse é meu jeito de ser.

só

Pensei em você

Sonhei com você

Deitei com você

Amei você

Vivi você

Morri em você

Só.

Vilson Roque Bocca

Sinop-MT

Calvário

Sem rumo, sai no alvorecer.
Retorna na penumbra.
Fome, tristeza, cansaço...
Como alimento, o desconforto.
E Segue...
Açoitado, atropelado: "Sai", "cai fora", "Xô!"...
Olha pra cá, pra lá... nada vê.
Sem horizonte, perde-se.
E segue....
Algo o impulsiona.
Há sempre uma esperança
No outro lado da noite.
E segue...
Em um novo amanhecer,
Passos trêmulos, que se renovam
Persegue seu fado em contínua busca.
O que pensa encontrar,
talvez não encontre.
E segue...
No pensamento alguém,
A fiel companheira, a prole faminta.
Sem pão, sem teto, sem esperança.
Nas calçadas da vida, adormece.
E segue...
Migalhas da opulência lhe visitam.
Indiferença, descrença, negação.
Na capacidade que se esvai
Desanima, para, pensa.
E segue...

A alma dolorida, talvez uma esperança
Da recompensa tão esperada.
O sol que agride a pele, forte,
Ele pensa na morte, tão próxima

Pelos Caminhos da Poesia

Já enveredei pelos caminhos da poesia.
Sem meios, parti de carona.
Repleto de sonhos... tive pesadelos...
Palavras rabiscadas, entreolhavam-se,
Em frases soltas, desconfiadas, sem nexo.
Substituídas, adormeciam
Sem métrica... sem alma, sem estima...
Perdidas na pobreza da rima.

Mafalda Moreno

Várzea Grande-MT

O nome

Quando me entendi por gente

Eu logo me perguntei,

Por que meu nome é assim?

Pois é falta de respeito

Alguém pegar e escolher,

Um nome que é só pra mim.

Eu acho que os pais deviam

Ficar despreocupados

E, deixar o tempo passar.

Para que a gente pudesse

Escolher o próprio nome,

Pra gente poder usar.

As pessoas fazem isso

Por que a gente é pequenino,

E não tem como reclamar.

Quando a gente se conhece,

Já estamos registrados

Não tem mais como mudar.

Mas, porque devo reclamar,
Se tudo aconteceu
Da maneira que devia.
Se eu não tivesse nome,
Eu seria um anônimo
E ninguém me conhecia.
Ter nome é muito importante.
Pois ele é o grande tesouro
Que trago no coração.
A meus pais eu agradeço.
O nome que eles me deram
Fez de mim um cidadão.

Luan da Silva Moreno

Várzea Grande-MT

Dos Versos

Dos versos que já li
Confesso que foram poucos
Mas a emoção que senti
Faz arrepiar todo meu corpo
São tantos sentimentos passados
Momentos em frases intercaladas
Choros
Risadas
A sensação daquele local,
Pessoa, momento
Um turbilhão de sentimentos
Euforia

Nyll M. N. Louie-Alicê

Sinop-MT

Inxumação

Um pássaro resolveu fazer seu ninho

no oco de um crânio

demasiado trepanado:

A Natureza desconhece qualquer pena
cominada!

Logo pois, foi belo de ver

ao nascer

pequenas asas e bicos e garras

saindo pelos ocos dos olhos:

Era a vida sendo exumada...

14 de abril de 2018

Gabrielle Braz

Várzea Grande-MT

Tua chegada

Escrevo em tons de quem vislumbra

A tua chegada segura e natural

A tua passada madura, um recital

Escrevo em tons de quem sente

Todas as histórias que carregas

na barra da tua saia

Todas memórias que suportas

nas marcas fundas da tua derme

O teu viver, mulher

É acontecimento absoluto

O teu querer, mulher

É a composição

que ao longe escuto

Sinto teus pés tocando a terra

Como quem possui certeza
de onde viera
Como quem dá vida à sintonia
e floresce em si a nova era

Enxergo a tua liberdade
Pássaro que dança, deidade
Os ventos onde sonha, tua verdade.

Camila Lazarotto

Sinop-MT

Sonhos

A vida sem sonhos,
É como cantam nas canções...

Não temos razões

Muito menos, inspirações!

Nos tornamos marinheiros,

a navegar já sabendo

que vamos naufragar...

Nos tornamos viajantes,

sem bagagens

a carregar...

Nos encontramos deprimidos,

cada dia que se passa...

Por isso regue seus sonhos...

Como se fosse a sua maior constância!

São os sonhos que nos fazem conscientes,

Resistentes,

Pois através deles nos moldamos...

Somos quem somos,
superamos os acidentes,
e enfim as dores
mais ardentes!

São eles que dão alicerce as nossas vidas!

Por isso sonhe, visualize
e por fim realize.

Caso não realize,
ao menos...

Poderá dizer
que foi um mero aprendiz,
que cresceu,
a cada cicatriz.

Josiane Domeni Lima

Alta Floresta-MT

Tristeza sem fim

Ah, tristeza que parece não ter fim!

Criança feliz,
Casal a sorrir,
Pássaro a cantar,
Mas, nada, nada me faz mudar.

Na frente um sorriso estampado no rosto,
Palavras de ânimo e alegria.
Por trás, tristeza parece não ter fim.

Entro no quarto, desligo a luz.
Deito na cama, olho para o nada da escuridão,
Escorre uma lágrima, escorre outra e mais
outra...

Será que isso não terá solução?

Ambiguidades

Um lado sereno, outro severo,
Um lado de amor, outro de ódio,
Tranquilo, inquieto,
Consciente e louco.

Vontade de correr, pular, sorrir, chorar...
Vontade de ficar só, de dormir, sonhar...
Que ambiguidade!
Também tenho vontade de um abraço ganhar.

Tudo estranho.
Eu estranho.
Você estranha.
O mundo. Meu mundo. É estranho!

Toda essa estranhez: dói.
É um vazio incessante
Que eu não entendo.
Você não entenderá.
Eles não entenderão.

É a alma abalada.
É a alma abalada segurada na fé.
Um pedido e uma prece:
Senhor, mesmo com as ambiguidades da vida,
Faça-me permanecer pé.

Matrioska

— Amor? Não sinto!

Em paz estou.

A liberdade me ama

Eu amo a liberdade

— Padrões? Fugi!

Em guerras estou.

A sociedade me julga,

Eu julgo a sociedade.

— Fatos sociais? Como Fugir!?

É algo que está aqui,

É como o ar que tu respiras.

Notou? Influenciou!

Destacar da multidão?

Como !? Me diz!

Somos iguais, mas somos diferentes.

Somos diferentes, mas somos iguais.

O original, não existe mais.

Pensar fora da caixa?

Como?

Pensamos fora da caixa,

Mas em uma caixa maior estamos!

É como uma Matrioska,

Sai de uma descobre que tem outra maior,

E segue.

Andreia Romfim Gobbi

Sinop-MT

Pecador errante

Eis que o pecado
Nasce de uma boa intenção
E no início faz florescer algo que parece bom
E por momentos alegra o coração
Mas cedo ou tarde se torna
Verdadeira Perdição!
Maldição!
Porque o que é bom não nasce de "Erros"
Do latim "ERRARE"
"Perder-se" "Andar sem destino"
O pecado castiga
Mortifica!
Subordina às vontades do maligno
Destrói o espírito
E assim, sem forças para lutar
A vida deseja o tempo todo ceifar
Por vergonha de "errar"

E o julgo não suportar
E vivendo sem destino. No erro. No abismo
O único caminho que o pecado assegura
É o do nada, do vazio, da angústia
Perda e Dor
Restando apenas lamentações
Eis que se tornando um Pecador Errante
Que outrora refletia a PAZ
Deixou-se enterrar sem ela!

Kiara Baco Anhon

Sinop-MT

Leia-me e entenda-me

Se na sombra da noite

Sobras-te dúvidas do que sinto

Murmuro:

Ajoelha-te sobre as calhas da razão

E clamas o meu pseudônimo de poeta amargo

Que te responderei:

Meu sentimento é inconcebível, inóspito

Desconhecido

Porque perdido fui eu em tentar sentir amor

Quando no meu peito sempre houve dor

Houve fogo e houve gelo

Mas não houve frio ou calor

Apenas substantivos abstratos

Como o próprio extrato do sentimento

O resultado de um passado

A memória de um "eu".

Se te sobras dúvidas ao que sinto por ti

Mesmo ao recitar tais palavras

Peço que clame meu nome

E grite meu medo

Que te responderei:

Como poderia eu amar alguém,

Se nem mesmo eu me amo?

Como poderia amar alguém,
Se eu não sei o que é o amor?
Quando o meu cognitivo não aceitou a
palavra
E transformou em sentido
E até hoje tenho desconhecido o que é esse
termo.
Procurando entre fugas,
Beijos gelados, abraços agonizantes,
E risos descontrolados,
O sentimento que me falta
Que te falta
E que talvez na falta não exista

E dentre as ausências
O que me resta da incerteza
É apenas a certeza
Que aprendi viver de versos
De sintaxes e léxicos
Não de amores, não de emoções
Como poderia viver de estados físicos?
Se eu só proporciono
Se eu sou a estrada que guia
A mão que te afaga e te esquento

Deixe estar

Quando me encontro em dificuldades,
lembro das palavras de minha mãe,
ela dizia: Deixa estar, deixa pra lá!
A vida é longa para se entristecer
não deixe os espinhos da estrada lhe torturar
lute bravamente por aquilo em que acredita
num dia esplendoroso a vitória conquistará.
Quando eu sofria bullying na escola
e chegava em casa chorando
não queria voltar mais para lá.
Minha mãe dizia:
— Deixa estar! Deixa pra lá!
Aqueles meninos um dia, não muito longe
vão precisar de ajuda e te procurarão.
Lute por aquilo em realmente acredita
num dia tranquilo e sereno a vitória
conquistará.

Quando sofro devido a depressão
e penso em até a minha vida acabar
isolo-me em minhas lembranças e digo:
— Deixa estar! Deixa pra lá!
Não deixe uma queda definir o seu destino
aumente o impulso para o abismo ultrapassar.
Lute sem tréguas por aquilo que certamente
acredita
num dia de muita alegria a vitória
conquistará.

Quando encontro pessoas que me magoam
e penso da minha árdua luta desistir
faço uma profunda reflexão e digo:
— Deixa estar, deixa pra lá!
Não posso deixar que algo pequeno atrapalhe
a autoestima é minha e preciso alimentar
eu luto por aquilo em claramente acredito
e sei que num dia ao brilho do sol a vitória
chegará.

Manoel Rodrigues Leite

Sinop-MT

Maria Seda

Existem muitas formas de cuidado, uma que sempre me surpreende é quando o cuidado é exercido por uma comunidade - mesmo que seja sem articulações formais, a uma pessoa que de alguma forma tem significado a essa comunidade. Sei de muitas histórias, de lugares e pessoas. Porém uma sempre me marcou:

— Maria Seda era uma mulher como tantas, muito vaidosa, sempre o que chamava a atenção, que mesmo sendo humilde fazia gosto em usar roupas de seda. Dizia minha mãe ao falar dela com muito respeito.

— Mas porque essa louca não sai desse bairro? Parece que todos a aceitam. Acho que o mais certo seria levá-la para um hospício. Essa era a palavra de uma vizinha e lógico novata no bairro.

— Não tem por que se livrar dela. Ela não é perigosa é apenas uma mãe que sofre.

— Como assim mãe? Não vejo ela com ninguém? Os filhos dela que deveriam cuidar dela.

— Mas não foi sempre assim. Maria Seda era uma mulher trabalhadora e criava sua filha sozinha. Era muito cuidadosa, trabalhava em casa de família, e fazia bem os seus serviços. Qual mãe não enlouqueceria ao perder uma filha?

— A filha dela morreu de quê?

— Não se sabe se morreu, talvez a morte doesse menos. Conta-se que depois de tempos trabalhando em casa de família, a sua filha desapareceu. Sumiu sem deixar pistas, ela levou para trabalhar e enquanto fazia a faxina, a pequena menina não estava descansando aonde ela havia deixado. Ela procurou, gritou, desesperou-se e pediu ajuda aos patrões que apenas falaram que não tinham visto a filha dela naquele dia. Ninguém sabia, ninguém fazia nada. O sumiço foi como se nunca tivesse existido, mas para uma mãe, filho só muda de lugar: quando sai do ventre entra no coração e de lá nunca mais sai, não importa o tempo ou o lugar.

— E o que aconteceu com a filha dela?

— Falam isso, falam aquilo. Só que encontrar nunca foi encontrada. E, como continuar a alegria se alegria desaparece sem nenhum aviso. Maria Seda perdeu o gosto pela vida, mas antes se revoltou com aqueles que ela dizia ser os responsáveis pelo sumiço. Com o tempo, toda luta cansa e acho que foi isso de tanto ser chamada de louca por responsabilizar os patrões, ela aceitou os dizeres e começou a viver entre a esperança e a loucura. Pois a loucura conforta aqueles que sofrem.

— É verdade! Têm coisas que dói muito. Mas vou indo, outra hora a gente toma um café.

Ao ver aquela mulher ir, na época não sabia que o peso do mundo faz pesar os olhos, os ombros e o coração. Vi aquela mulher que chegara com tanta certeza, com cabeça e nariz levantado. Sair como quem estivesse carregando muito peso e olhando os buracos do chão. Talvez apenas lembrou de algo e quis chegar a tempo no compromisso. Talvez tenha lembrando que também é mãe, e sendo mãe sempre tem medo de alguma coisa acontecer com os filhos, e sempre tem que confirmar se

está bem. Mesmo que dizem que sim a dúvida nunca cessa.

Passados os anos muitas coisas mudam. Eu mudei da cidade aonde vivera minha infância, mas o meu coração nunca saiu daquele bairro, daquela simplicidade. Tempos depois quando visitava, encontrei aquela mulher conhecida como louca, mas cuidada pela comunidade. Mesmo crescido ela me reconheceu e era agradecida pelo meu pai tê-la deixado morar mais de dois anos sem cobrar nada de aluguel em uma de suas casas. A loucura não tira a gratidão, o que tira a gratidão é o orgulho e a inveja.

Naquela ocasião vi aqueles que vieram muito depois do sumiço de sua filha, falarem para seus filhos levarem comida, roupa e as vezes cobertores. Mesmo morando na rua era cuidada por pessoas que teriam idade de sua filha e de seus netos.

Não é um conforto, talvez seja apenas um pouco de justiça. E, de tudo isso o que mais me fez ter certeza é o fato de que a solidariedade é mais presente entre os humildes.

Simone de Sousa Naedzold

Sinop-MT

O encantador de borboletas V

A grande borboleta, no dia seguinte, desde que os primeiros raios de sol surgiram, esperava o menino. Não demorou muito e lá vinha ele. Gorro na cabeça, casaco de pelúcia e sapato nos pés. Júlio tinha saúde frágil, a mãe sempre o agasalhava muito bem.

Júlio entrou na mata e ficou procurando a grande borboleta. Parou diante do tronco verde que havia visto no dia anterior, sentou-se no mesmo lugar e ficou esperando, mas a borboleta não apareceu. Júlio pensava: será que não a verei mais? Levantou-se, sentou-se novamente e alguns minutos depois resolveu que ia procurá-la.

Uma borboleta pequena e colorida resolveu que ia acompanhá-lo. Júlio esticou a mão, a borboleta pousou. Ele fez um carinho e pediu para que a mesma o ajudasse a encontrar a grande borboleta. A borboleta colorida bateu asas e voou e daquele momento em diante o menino não a viu mais. Júlio estranhou a reação da pequena

borboleta, mas seguiu firme em sua resolução de achar a grande borboleta com olhos nas asas.

Caminhou mais para a saída da floresta e viu alguns galhos secos de árvores milenares que havia por ali. Olhou atentamente e numa parte mais alta lá estava ela: majestosa, magnífica, imponente. Olhou-a e pensou que ela era bonita demais e teve a certeza de que a veria novamente.

A grande borboleta esticou suas asas o mais que pode para mostrar-se ao menino e ficou mirando-o. O menino, em voz alta, disse: não tenho amigos humanos, procuro entre os bichos quem quer ser meu amigo. A senhora me parece ser bem especial. Suas asas são lindas e sua feição me inspira confiança e lealdade. Poderíamos ser amigos? A borboleta, que compreendia cada palavra, não se moveu e Júlio compreendeu que essa era uma maneira de ela dizer sim. Que poderiam ser amigos. E o menino desandou a contar suas aventuras para a enorme borboleta que não se movia e ouvia com atenção.

Ireneu Bruno Jaeger

Sinop-MT

Anos 50

1º capítulo:

Eram duas lindas moças casadouras da colônia. Sonhavam com príncipes encantados, mas a sorte ainda não lhes havia sorrido.

Certo dia, estavam na cozinha, nas lides de fogão e pia, quando bateram palmas. Rapidamente tiraram os aventais para enxugar as mãos.

Não podia ser. Devia ser sonho: ali estavam dois belos mancebos, sobre fogosos cavalos, ricamente ajaezados. Um grande laço trançado em couro enfeitava a traseira dos cavalos.

— Ô de casa! Licença! E vinham chegando.

Um frio perpassou a espinha de Inês e Marinalva, respectivamente de dezenove e dezessete anos.

Os dois se apresentaram ainda montados:

— Sou Marino, prazer em vê-las! E tirou o poncho marrom escuro.

— Chamo Silvino, um bom dia pra ocês. E se desfez do pala, cheio de detalhes.

O primeiro montava um cavalo zaino, com um branco na testa. Usava bombachas e botas trabalhadas em couro cor ocre. Seu chapéu era de estancieiro, levantado na testa. O outro exibia um cavalito branco, bem penteado, sela de primeira, também bombachudo e elegante.

— Mas podemos aprear? Arriscou o de cavalo zaino. “Com licença” e num gesto assaz treinado, saltou em terra, colocando a bota com espora no estribo inoxidável.

Enquanto isso o outro puxava as rédeas do cavalo branco, que deu uma escaramuçada valente.

Marinalva cochichou para a irmã: “Este é meu”. Depois em voz alta:

— Vão chegando. A que devemos a honra da visita?

Os dois puxaram os quadrúpedes para perto dum cinamomo para amarrar. Deu para ver os lindos pelegos vermelhos. Soltaram um pouco as barrigueiras para deixar as cavalgadas mais à vontade. No cavalo branco, no meio da argola da testa, que segura

o freio, havia o distintivo do internacional e no outro coisa similar, a do Grêmio.

Nem é preciso dizer que a cena deixou as duas loucas... louquinhas:

— Mas entrem! E mostravam a pobre escadinha de madeira.

Os gentis cavaleiros pisavam firme nas tabuinhas e com pequena mesura, esticaram o braço direito para a saudação. Marino ainda se demorou um pouco segurando a tremelique mãozinha da Inês, apertando-a.

— A que devemos a grande honra de vossa visita?

Não deu tempo de responder, pois chegou a matrona casa, senhora sisuda e um pouco desconfiada. Não dera tempo de se pentear.

— Quem são vanceis?

Encabularam-se os mancebos e Marino arriscou:

— Nós viemos convidar as moçoilas para o baile lá na vila.

— E o quê?

— Viemos fazer uma visita, com a permissão um convite para o arrasta-pé.

— Vanceis não vem com má criação, sabe né? Vou chamar o pai que está lá no chiqueiro.

Entraram em silêncio e foram convidados a sentar no banco de trás da mesa. Um olhava para o outro e o outro para o um.

As moças sumiram aos risinhos para dentro da cozinha.

Nisso apareceu o Sr. Pancrácio, grande chefe. Estava de chinelo, calça de serviço. Tirou o chapéu e foi dando a mão para os jovens encolhidos aí no canto:

— Mas o que querem?

Desta vez o Silvino desatou a língua:

— Com o devido respeito, se assim for servido, nós viemos visitar vossas filhas e levar para o baile.

— Visitar? Falam a verdade, vocês querem namorar? É isso? Os dois apenas sorriram.

2º capítulo

Um ano passou e Marino estava noivo de Inês. Na seguinte primavera noivaram Silvino e Marinalva. O casório não deveria

demorar segundo a sentença dos pais das moças, para evitar inconvenientes.

Fez-se a festança: casamento duplo para poupar dinheiro, que andava escasso. Bastante cuca com linguça.

Marino contou que mudariam para o Paraná, onde tinha serviço. Ele seria barbeiro. E Silvino ficou morando com os sogros. Ali podia engordar uns porquinhos para ele e Marinalva.

Em certa noite de luar, quando o nenê deu chance de um idílio, teve coragem e perguntou:

— Marido, quando vi vocês, com aqueles cavalos lindos achei que fossem ricos. Nunca pensei em ficar morando com os pais.

— Mulher, aqueles cavalos eram emprestados. Não leve a mal.

No inverno seguinte, receberam a visita do casal do Paraná. Numa noite enluarada, sentadas atrás do fogão a lenha, lembraram o pretérito. Marinalva falou primeiro:

— Lembra que, para poupar dinheiro, fizemos uma festa só.

— Pouparamos não só dinheiro, mas também sogra.

E riram como há muito tempo não riam.

Quando já vovó, a Inês, nesta altura paranaense assumida, recebeu a visita de uns sobrinhos que queriam saber tudo... como foi o namoro... o casamento? Ela contou e no final rematou:

— Nós éramos burrinhas, mas eles eram mais burros ainda.

Moral da história: Muita semelhança com hoje em dia, quando aparecem amancebados em motos possantes.

ANTOLOGIA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS

Cada mês uma nova História, somos muitos espalhados em viagens encantadoras. O objetivo é ajudar você a dar o primeiro passo, ou se você já faz parte deste universo, juntar-se a nós, e ser parte deste sonho que navega por mares profundos das letras.

Participe!
A História acontece...

WhatsApp (66) 9.9643-5501
Ações Literárias



EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 – SINOP- 78.551-350
FONE (66) 9 9643-5501
www.escritorescontemporaneos.com.br